

Boletim da SCAP



Diretor

Manuel Augusto Soares
[e-mail: presidente@scap.pt](mailto:presidente@scap.pt)

Coordenação Editorial

Manuel Augusto Soares

Colaboradores permanentes

Joaquim Quelhas dos Santos – Nutrição e Fertilização das Plantas

Arnaldo Dias da Silva – Nutrição e Produção Animal

Fernando Bianchi-de-Aguiar – Vitivinicultura e Biocombustíveis

[e-mail: secretariado@scap.pt](mailto:secretariado@scap.pt)

O Boletim da SCAP é uma edição da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, Rua da Junqueira, Nº 299
1300-338 Lisboa, Telf/Fax:+351 213 633 719 Telem.:+351 936 378 550/549 www.scap.pt

Direção da SCAP

Presidente: Manuel Augusto Soares

Vice-Presidente: Jorge Ponce Leão de Castro

Tesoureiro: Fernando Pires da Costa

Secretário Geral: Corina Carranca

Vogais: Fátima de Jesus Folgôa Baptista

Ana Paula Ramos

Artur José Guerra Amaral

Sumário

Editorial	4
<i>A crise do País e o Futuro da SCAP!...</i>	4
<i>Manuel Augusto Soares - Presidente da SCAP</i>	4
Tomada de Posse da nova Presidente do Instituto Superior de Agronomia Prof.^a Catedrática Amarilis de Varennes e Mendonça	6
Joaquim Quelhas dos Santos – ISA/SCAP	6
Nomeação de duas novas Editoras Adjuntas para a Revista de Ciências Agrárias (RCA)	7
Manuel Augusto Soares – Diretor da RCA	7
Portugueses nos Órgãos Sociais da International Society for Horticultural Science (ISHS)	8
AgEng 2014 in Zurich – Engineering for improving resource efficiency	9
A SCAP e a SEER organizam em Portugal em 2020 o Congresso Europeu de Engenharia Agrícola - AgEng 2020	9
V Congresso Nacional de Rega e Drenagem	10
Luís L. Silva - U. Évora, SEER/SCAP	10
Congresso GreenSys 2015 em Évora	11
Fátima Baptista – U. Évora, SEER/SCAP	11
Eventos em Curso	12
Simpósio Nacional de Culturas Agroindustriais, Potencialidades e Perspetivas – 31 de outubro, U. Évora	12
Fernando Pires da Costa – Presidente da CO/SCAP	12

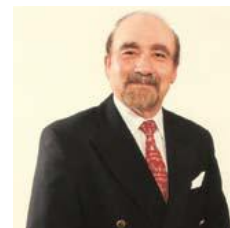
1º Simpósio SCAP & 7º Congresso da SPF - “Novos Desafios na Proteção das Plantas”, Auditório INIAV - Oeiras	13
Helena Oliveira - ISA, <i>Presidente da SPF</i>	13
Ana Paula Ramos, <i>Vogal da Direção da SCAP</i>	13
Próxima Conferência da SCAP	14
Eventos em Preparação/Lançamento para 2014/2015	14
Novos sócios da SCAP	15
Homenagem ao Professor Catedrático Arnaldo Dias da Silva	16
Fernando Bianchi de Aguiar - UTAD	16
Divanildo Outor Monteiro - UTAD	16
A Origem e a Evolução dos Laboratórios de Análise de Terras e Plantas	18
Joaquim Quelhas dos Santos – ISA/SCAP	18
O Mercado do Vinho: evolução e tendências	22
Fernando Bianchi de Aguiar, <i>Presidente Honorário da OIV</i>	22
Prospecção, Caracterização e Preservação de Castas de Videiras Antigas	25
João Costa – DRAPALG.....	25
Armindo Rosa – DRAPALG	25
“Prospecção, recolha, conservação e caracterização de Variedades Tradicionais de Fruteiras Algarvias, com interesse para a Agricultura Portuguesa”	28
Uma Pequena Nota Sobre a Sustentabilidade Ambiental da Produção Animal	33
Arnaldo dias da Silva – Prof. Emérito/UTAD.....	33
Lançamento do Livro-Manual de Floricultura	35
Manuel Augusto Soares – <i>Presidente da SCAP</i>	35
Manual de Floricultura	36
Patrocinadores	37

Editorial

A crise do País e o Futuro da SCAP!...

Manuel Augusto Soares - Presidente da SCAP

Vivemos hoje tempos muito difíceis e de grande incerteza, marcados por uma crise de origem financeira, que na sua persistente voracidade, se tornou económica, social, moral e política, corroendo os pilares estruturais e civilizacionais da nossa sociedade e, pondo a nu a fragilidade e volatilidade de tudo que julgávamos seguro e estável: a começar pelas funções do Estado e pelo cumprimento dos seus deveres e contratos para com os cidadãos.



Sem menosprezar os erros do endividamento e despesismo dos sucessivos governos depois do 25 de abril (agravados pelas PPP's), que conduziram ao aumento da dívida e do défice públicos e que, em plena crise financeira internacional, ditaram o resgate externo e a chegada da Troika; não é menos verdade, que os programas políticos dos sucessivos governos sofreram grande pressão, ou foram mesmo aprisionados, pelos diversos lóbis de interesses e por corporações profissionais e sindicais, com reivindicações desmedidas, e tudo isto exponenciado pela fúria consumista dos cidadãos, de produtos importados, aliciados com o crédito fácil e de baixos juros proporcionados pelo sistema bancário - num processo em que público e privados se endividaram até ao limite, e em que quase ninguém está isento de culpas!...

Todavia, para além dos erros da política interna, as verdadeiras causas que conduziram à desindustrialização e ao desemprego, persistem e não se vislumbram políticas europeias - para além de declarações tardias de boas intenções - capazes de relançar o crescimento económico e moderar a austeridade imposta pela Sr.^a Merkel e seus seguidores. Efetivamente, estamos a falar do epicentro da crise que se chama globalização (selvagem), tutelada e apadrinhada por políticos europeus no mínimo incompetentes e ingénuos, que apoiaram a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), sem negociar um programa transitório de liberalização com contrapartidas equilibradas e equitativas; facto que constituiu o verdadeiro golpe de misericórdia na economia industrial do Ocidente, particularmente nos países do sul da UE, destruindo completamente as regras de uma sã concorrência, que têm de respeitar: o ambiente, os direitos dos trabalhadores e um salário minimamente justo.

A par da globalização do comércio da produção industrial e agrícola, apoiada pelas grandes multinacionais - que não têm pátria e deslocaram a sua produção para o Oriente - a desregulamentação e liberalização dos mercados financeiros, iniciada com as políticas ultraliberais de Reagan e Thatcher, no final dos anos oitenta do século passado, criaram as condições ideais para que a ganância, a especulação e a manipulação financeira conduzissem aos desastres a que temos vindo a assistir, com a falência de grandes bancos e grupos empresariais, perante a ineficácia dos reguladores, acabando por ser os contribuintes a pagar a fatura final.

Neste contexto é, cada vez mais importante que os cidadãos, apesar do desencanto em que vivem, olhem para as suas organizações associativas e vejam nelas uma trincheira da sociedade civil, capaz de contribuir para alterar e influenciar as políticas, e a perceção sobre a realidade de quem nos governa.

A SCAP e todas as associações congéneres de nível técnico-científico detêm hoje, aquilo que ainda não foi destruído, mas que começa a ser posto em causa, com a falta de financiamento da investigação, que é o conhecimento. Numa sociedade moderna este é o

instrumento que num período de profunda crise como este, pode sustentar a esperança e alavancar o progresso.

Nesta perspetiva, a SCAP deveria ser reconhecida e consultada pelo poder político, nomeadamente pelo Ministério da Agricultura e do Mar, como Organização Não Governamental e como um verdadeiro repositório de conhecimentos e experiência, que os seus membros possuem, em diferentes áreas agronómicas e que poderão disponibilizar ao País.

Aqui está uma forma de viabilizar esta Sociedade no futuro, através da prestação de aconselhamento e consultadoria, na elaboração de projetos e pareceres, sobre as medidas legislativas de política agrícola e agroalimentar, com total independência e isenção.

Esta questão que já foi abordada com dois governos diferentes, não teve até hoje qualquer recetividade, ou desenvolvimento, porque a forma de fazer política em Portugal exclui, a participação da sociedade civil (técnico-científica), privilegiando a contratação para os gabinetes ministeriais de assessores próximos dos partidos do governo ou das juventudes partidárias, com pouca ou nula experiência, e também o recurso à prestação de serviços de algumas empresas, que gravitam na mesma órbita sem qualquer transparência.

Depois de ter iniciado há sete anos, um processo de dinamização das suas atividades e consolidação da situação financeira - quando esteve em causa a sua sobrevivência - que conduziu à obtenção de resultados muito favoráveis, refletidos nas contas deste período, o agravamento súbito da crise, veio criar-nos dificuldades imprevistas, pela perda de patrocínios e a por em causa o equilíbrio que tínhamos alcançado.

Neste sentido, os eventos que estamos a organizar este ano e de que vos damos notícia neste Boletim: apesar da sua relevância e dos temas abordados, não estão a conseguir obter os patrocínios, que eram expectáveis, porque a persistência da crise e a desmotivação geral, tornou as condições ainda mais desfavoráveis, para a concessão destes apoios por parte das empresas.

A par da conjuntura desfavorável, a pulverização do movimento associativo na área agronómica, e o envelhecimento da massa associativa são outros fatores, que não favorecem a SCAP e o seu projeto de crescimento.

De facto, existem na nossa área várias sociedades, que estão quase completamente inativas, ou têm atividade muito reduzida, não dispondo de meios logísticos, e a cujos sócios normalmente não são cobradas quotas.

Pensamos por isso, que chegou a altura de refletirmos todos em conjunto, sobre a forma de ultrapassar esta enorme fragilidade, cuja solução em nosso entender, poderá passar pela sua transformação em Secções Especializadas da SCAP, com autonomia e estatuto próprio, tal como acontece com a SEER (Engenharia Rural), ou então pela sua agregação à SCAP como Sociedades Afiliadas, mantendo o mesmo nome, mas passando a gestão para a nossa Sociedade, que incorporaria alguns dos dirigentes nos seus Órgãos Sociais.

Sem querer impor nada a ninguém, achamos que neste contexto esta seria a melhor forma de todos sairmos fortalecidos, e ultrapassar o imobilismo atual, porque hoje, mais que nunca, “a união faz a força”, de que necessitamos para enfrentar o futuro.

Por isso aqui lançamos o desafio e o convite, para que os seus responsáveis participem num encontro a realizar no mês de outubro, para o relançamento do movimento associativo da área agronómica, cuja data e agenda divulgaremos brevemente.

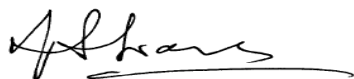
Esta reestruturação poderá criar e potenciar as condições, para apresentarmos de forma estratégica e organizada, candidaturas a grandes eventos internacionais, em diferentes

áreas, que só por si gerarão valor acrescentado e dinâmicas para ajudar a garantir a independência e a sustentabilidade financeira para ultrapassar as dificuldades atuais.

A SCAP dispõe já para esse fim, de uma parceria com a Associação de Turismo de Lisboa, que nos facilitará todo o apoio logístico e de promoção, para prosseguir este objetivo de divulgar a cidade de Lisboa, como grande Centro de Congressos e de Turismo Científico.

Chegou a altura de unir esforços e pôr à prova a nossa criatividade e capacidade de inovação para continuar a cumprir o lema da nossa candidatura: *Seguimos em Frente!*...

Saudações muito cordiais.



Tomada de Posse da nova Presidente do Instituto Superior de Agronomia Prof.^a Catedrática Amarílis de Varennes e Mendonça

Joaquim Quelhas dos Santos – ISA/SCAP

Numa Sessão que teve lugar na Sala de Actos do Instituto Superior de Agronomia - ISA, no dia 30 de maio último, a Professora catedrática Amarílis de Varennes e Mendonça tomou posse como Presidente deste estabelecimento de Ensino Superior Universitário.

Na cerimónia, que foi presidida pelo magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, Prof António da Cruz Serra, começou por usar da palavra o Presidente cessante, Prof. Carlos Noéme, o qual salientou as realizações que, apesar das dificuldades impostas pela austeridade financeira, foi possível efectuar; e elogiou a Prof.^a Amarílis pela coragem de que deu prova ao assumir-se como candidata ao cargo em que agora era empossada, salientando também o grande interesse com que, previamente, procurou inteirar-se dos muitos e complexos problemas inerentes à sua gestão.

Usou em seguida da palavra a Prof.^a Amarílis que, também numa intervenção breve e bastante informal, lembrou o facto de, pela primeira vez na sua já longa história, de mais de cem anos, o ISA ter como Presidente uma mulher - interrogando-se, a propósito, com reagiria, se ainda fosse vivo, o seu pai, Pedro de Varennes e Mendonça, que também foi um dos mais proeminentes Professores desta Escola - e de, aliás, serem mulheres todos os três restantes membros do novo Conselho de Gestão, embora tal facto (segundo explicou posteriormente) não tenha resultado de qualquer opção feminista, mas apenas da indisponibilidade dos colegas que convidou para integrar a sua equipa.

Mostrou-se bem consciente da enorme responsabilidade que estava a assumir e solicitou a colaboração de todos para que fosse possível exercer, com êxito, as funções em que acabava de ser investida.

A encerrar a Sessão, usou da palavra o magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, que fez uma breve síntese das dificuldades orçamentais com que se depara esta Instituição - situação que será comum a todas as outras Universidades e Institutos Politécnicos do País, e que se não for





resolvida, poderá levar à paralisação de algumas actividades, mas prometeu dar-lhe todo o apoio e solidariedade e que estaria sempre bem atento aos problemas que lhe fossem apresentados.

A SCAP, que se orgulha de ter a Prof.^a Amarílis como Presidente da Assembleia Geral (também neste caso a primeira mulher a desempenhar tais funções) felicita-a por ter sido escolhida para o alto

cargo de que tomou posse e deseja-lhe o maior sucesso no desempenho do seu mandato.

Aliás, o brilhante currículo que apresenta quer como aluna e posteriormente como sua Professora e Investigadora, parece-nos ser a garantia de que, agora sob a sua orientação, o Instituto Superior de Agronomia saberá manter-se como uma Escola de Referência no ensino das Ciências Agronómicas em Portugal.

Nomeação de duas novas Editoras Adjuntas para a Revista de Ciências Agrárias (RCA)

Manuel Augusto Soares – Diretor da RCA

Apesar das enormes dificuldades que sabíamos que iríamos enfrentar, a RCA tem vindo a cumprir a periodicidade trimestral, em que apostámos na última remodelação há ano e meio e, a manter a dinâmica de internacionalização, indispensável para atingir, objetivos mais ambiciosos e a aceder a novas plataformas digitais.

Atendendo à responsabilidade acrescida deste projeto, e aos condicionalismos de natureza profissional, que estão a afetar em simultâneo a disponibilidade das duas editoras adjuntas, a Direção da SCAP em estreita consonância com a Editor Chefe, decidiu nomear duas novas Editoras Adjuntas, para reforçar a equipa editorial, que já se encontram em funções, revelando grande empenhamento, competência e entusiasmo.

Estas duas novas colaboradoras, a quem saudamos e agradecemos, por terem aceitado este desafio, possuem currículos científicos de reconhecido mérito e elevada experiência profissional, como se pode constatar através dos breves perfis, que publicamos no final desta notícia.

Aproveitamos esta oportunidade, para renovar também o nosso apelo, a todos os docentes e investigadores da área agronómica, para que publiquem os seus trabalhos na RCA, pois só assim será possível contribuir, para aumentar o seu prestígio internacional, e conseqüentemente o polémico “fator de impacto”, que apesar de tudo continua a ter enorme peso nas avaliações curriculares.

Se a RCA não publica mais artigos de autores portugueses, como desejamos e ambicionamos é, porque infelizmente não nos chegam em número suficiente para inverter a situação atual, embora com muito esforço de sensibilização, estejamos a registar alguma evolução positiva. Em contrapartida a avalanche de artigos que está a chegar, sobretudo do Brasil, e que nos está a criar algumas dificuldades editoriais, revela bem o prestígio que a nossa Revista já alcançou neste país - facto que nos apraz registar e divulgar.

Por isso aqui deixamos mais uma vez o desafio para que nos ajudem a prestigiar a única revista generalista que resiste na área das ciências agrárias em Portugal, e a prepará-la para novos voos no futuro.

ANA CARLA MADEIRA, licenciada em Engenharia Agronómica, pelo Instituto Superior de Agronomia e doutorada em Física Ambiental pela Universidade de Nottingham, Reino Unido, foi docente do Instituto Superior de Agronomia de 1979 a 2013. É co-autora do livro "Comunicar em Ciência - como redigir e apresentar trabalhos científicos". Tem experiência editorial e de revisão em revistas científicas.



MARIANA MOTA, licenciada e doutorada em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia, com a sua atividade profissional centrada no desenvolvimento de ferramentas biotecnológicas de apoio à fruticultura. Mais recentemente, tem-se dedicado à aplicação dessas ferramentas também à olivicultura e às culturas hortícolas. Desde 2004 a desenvolver a sua atividade de investigação no Instituto Superior de Agronomia, ligada ao sector da Horticultura, colaborando também na docência de várias disciplinas, em tópicos relacionados com biotecnologia, análises químicas e físicas da qualidade dos frutos, sistemas de produção hortícola, frutícola e vitícola e estatística.



Portugueses nos Órgãos Sociais da International Society for Horticultural Science (ISHS)

O 29º Congresso Internacional de Horticultura (IHC) decorreu em Brisbane, Austrália, de 17 a 22 de agosto de 2014. O Congresso, que nesta edição teve como tema "Sustaining Lives, Livelihoods and Landscapes", é uma conferência mundial sobre ciências hortícolas, que ocorre a cada quatro anos, sob a égide da Sociedade Internacional de Ciências Hortícolas (ISHS).

No decurso deste Congresso, e de acordo com os Estatutos da ISHS, teve lugar a tomada de posse do Presidente, dos *Chairpersons* e *Vice-Chairpersons* das Comissões e Grupos de Trabalho, eleitos no passado mês de Junho. Assim, e no que toca a representantes portugueses para o quadriénio 2014-2018, foram empossados como *Chairperson* Pedro N. Brás Oliveira, Investigador do INIAV (*Workgroup* "Rubus and Ribes Species") e João Silva Dias, Prof. do ISA (*Workgroup* "Brassica") e para *Vice-Chairperson* Maria João Oliveira Dragovic, Eng.^a Agr.^a da DRADR/Madeira (*Workgroup* "New Ornamentals"), Fátima Baptista, Prof.^a da U. Évora (*Commission* "Horticultural Engineering") e Paula Ramos, Prof.^a do ISA (*Commission* "Plant Protection").

De relembrar ainda que são Membros Honorários desta prestigiada sociedade os Professores do ISA: Carlos Martins Portas e António Almeida Monteiro. O Prof. António Almeida Monteiro foi Presidente da ISHS no quadriénio 2010-2014, fazendo parte do *Board* da ISHS. São também representantes de Portugal no Council da ISHS o Prof. Jorge Canhoto e os investigadores Maria Elvira Ferreira e Luis Goulão.

A ISHS possui cerca de sete mil e quinhentos membros individuais, dos quais 65 são portugueses e é a principal associação mundial de cientistas da área da Horticultura. A ISHS tem como missão promover o desenvolvimento da cooperação internacional, reunindo profissionais científicos e técnicos com vista a estimular, facilitar e coordenar a investigação e as atividades científicas no domínio das Ciências Hortícolas (<http://www.ishs.org/ishs-world-wide-horticultural-network>).

O novo Presidente da ISHS para o próximo quadriénio é o Prof. Rod Drew da Griffith University of Brisban – Austrália, especializado em Biotecnologia e Micropropagação a quem desejamos as maiores felicidades no cumprimento destas importantes funções internacionais.

A SCAP congratula-se com a participação deste número significativo de portugueses nos Órgãos Diretivos da ISHS, por eleição ou inerência, entre os quais a esmagadora maioria são membros da nossa Sociedade, relevando em particular a eleição das Professoras Fátima Baptista e Paula Ramos, para importantes funções setoriais e que atualmente integram a Direção da SCAP. A todos os nossos representantes, desejamos os maiores sucessos no exercício das suas funções nesta importante Sociedade Internacional da nossa área, cujas atividades *continuaremos a acompanhar de perto, esperando que a sua presença possa contribuir para fortalecer o intercâmbio entre as duas Sociedades no futuro.*

O próximo Congresso Internacional da ISHS - 30.º HIC, realiza-se em agosto de 2018, na cidade de Istambul na Turquia

AgEng 2014 in Zurich – Engineering for improving resource efficiency

Decorreu entre os dias 6 e 10 de Julho, no Instituto Federal de Tecnologia de Zurique, ETH Zürich o Congresso Europeu de Engenharia Agrícola, “AgEng2014 – Engineering for improving resource efficiency”. Como vem sendo hábito participaram neste congresso vários membros da Secção Especializada de Engenharia Rural (SEER/SCAP) apresentando trabalhos nas várias áreas da engenharia rural.

O congresso contou com cerca de 350 participantes de várias nacionalidades, que participaram e dinamizaram as diversas sessões, contribuindo para o debate e discussão. Um aspecto considerado muito importante é que é preciso mostrar aos decisores e à sociedade em geral a importância da engenharia agrícola no contributo para o avanço das tecnologias, que contribuem para a melhoria das condições de produção de alimentos.

Importa ainda referir que o próximo Congresso da EurAgEng está previsto para Junho de 2016 na Universidade de Aarhus, Dinamarca.

A SCAP e a SEER organizam em Portugal em 2020 o Congresso Europeu de Engenharia Agrícola - AgEng 2020

No final do Congresso Europeu de Engenharia Agrícola (AgEng 2014), que decorreu no Instituto Federal de Zurique, e no qual a SEER/SCAP estiveram representadas pela Prof^a Fátima Baptista, realizou-se a reunião do “Council da EurAgEng”, para aprovação de candidaturas de futuros eventos.

Durante esta reunião a representante da SEER/SCAP reiterou a nossa proposta de candidatura, para a realização deste Congresso Europeu em Portugal, em 2020 - AgEng 2020, que mereceu a aprovação geral dos membros do Conselho. Assim, a SEER/SCAP orgulham-se de poder anunciar que 2020 será o ano em que a atenção da comunidade científica da área da Engenharia Agrícola estará centrada em Portugal.

Com esta candidatura que foi coroada de êxito, a SCAP inicia um novo percurso de realização de eventos internacionais em Portugal, a que certamente outros se seguirão no futuro, em áreas prioritárias a definir.

V Congresso Nacional de Rega e Drenagem

Luís L. Silva - U. Évora, SEER/SCAP



Decorreu na Escola Superior Agrária de Elvas, nos dias 25 e 26 de Junho de 2014, o V Congresso Nacional de Rega e Drenagem, organizado em conjunto pelo Centro Operativo e de Tecnologia de Regadio, a Escola Superior Agrária de Elvas (Inst. Politécnico de Portalegre), a Secção Especializada de Engenharia Rural da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, a Associação de Beneficiários do Caia, a Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, a Direção Regional de Agricultura e Pescas

do Alentejo, o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, I. P., Pólo de Elvas e a Federação Nacional de Regantes de Portugal, e que contou com a presença, na sessão de abertura, do Sr. Secretario de Estado das Florestas e Desenvolvimento Rural.

O evento contou com 80 participantes, nos quais se incluem investigadores, técnicos e estudantes. Nos dois dias foram apresentadas 13 comunicações orais por convite e 13 posters, nas seguintes áreas temáticas: Alterações climáticas e gestão da rega, Necessidades de rega, Rega deficitária e suplementar, Eficiência energética em regadio, Economia da água, Exploração dos recursos hídricos, Rega de precisão e Produção e produtividade da água. Realizou-se uma Mesa Redonda subordinada ao tema “Programa de desenvolvimento rural no regadio” e uma visita técnica ao aproveitamento hidroagrícola do CAIA.

É de assinalar o número de participantes para um evento nacional, e a sua diversidade profissional, mostrando o interesse e a vitalidade dos vários grupos profissionais nesta área. Como resultado das comunicações orais apresentadas podem-se destacar as seguintes ideias: i) A Agricultura de Conservação apresenta grandes potencialidades para a conservação dos recursos solo e água; ii) O aumento de temperatura do ar e a diminuição da precipitação que nas últimas décadas se tem observado na bacia do Guadiana, e que de acordo com os modelos de alterações climáticas se manterão no futuro próximo, irão conduzir a um aumento das necessidades de rega da maioria das culturas, exigindo uma melhor eficiência na aplicação da água de rega; iii) Continua a existir a necessidade de sensibilizar e qualificar os utilizadores da água para a utilização eficiente deste recurso, através de ações de formação e divulgação; iv) A manutenção e a modernização dos sistemas de distribuição e aplicação da água são essenciais para o aumento da sua eficiência de utilização; isto implica a necessidade de sermos cada vez mais exigentes ao nível do projeto de rega, que deve ser feito por técnicos devidamente qualificados; v) As novas tecnologias associadas à agricultura de precisão mostram grandes potencialidades para a monitorização do funcionamento dos sistemas de rega, do conforto hídrico das culturas (através da determinação de índices de vegetação) e para a aplicação diferenciada, e por isso mais eficiente, da água de rega; vi) Os sistemas de telecontrolo e de telegestão são hoje em dia fundamentais para o aumento da eficiência de utilização da água e da eficiência energética. De destacar ainda os diferentes apoios que existem no âmbito do Programa de Desenvolvimento Rural 2014-2020, nomeadamente na medida sobre o Uso Eficiente da Água na Agricultura, que trará incentivos económicos aos agricultores que adiram a essa medida, contribuindo não só para o uso eficiente deste recurso, mas também da energia e dos fertilizantes, com benefícios económicos, ambientais e sociais para todos.

Congresso GreenSys 2015 em Évora

Fátima Baptista – U. Évora, SEER/SCAP



O Departamento de Engenharia Rural da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora, organiza o simpósio internacional dedicado à produção em estufas “GreenSys2015 - International Symposium on New Technologies and Management for Greenhouses”, que decorrerá entre 19 e 23 de Julho do próximo ano. Este evento constitui mais uma oportunidade para que investigadores, técnicos e outros profissionais do sector possam partilhar ideias, analisar e discutir o estado actual do conhecimento e das perspectivas futuras para o sector da produção em estufa.

As áreas temáticas do congresso abrangem todas as tecnologias associadas à produção em estufa, como modelação, controlo ambiental, materiais, equipamentos, robótica e automação, energia, qualidade de produtos, produção sustentável, sistemas de produção, fertilização, água e meios de cultivo, CFD, protecção de plantas, produção em túneis, utilização de luz e impactos ambientais.

O congresso decorrerá no Colégio do Espírito Santo, na Universidade de Évora, e consistirá de sessões técnicas orais e de posters, sendo a língua oficial o inglês. O prazo para envio de resumos termina a 15 de Outubro de 2014. Informação mais detalhada encontra-se na página WEB www.greensys2015.uevora.pt.

Organização

u évora
ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA RURAL



AGRO Ingeniería
SOCIEDAD ESPAÑOLA DE AGROINGENIERIA

www.ageng2011.uevora.pt

ageng2011@uevora.pt

Eventos em Curso



Simpósio Nacional de Culturas Agroindustriais, Potencialidades e Perspetivas – 31 de outubro, U. Évora

Fernando Pires da Costa – Presidente da CO/SCAP

A Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal está a organizar em parceria com a Associação Portuguesa de Horticultura este evento, contando com o envolvimento de associações profissionais e empresas transformadoras deste setor, que decorrerá no dia 31 de outubro no Auditório Principal da Universidade de Évora, destinado a: técnicos, empresários agrícolas e industriais, investigadores, estudantes e todos os agentes económicos relacionados a montante e a jusante com esta fileira.

A aposta na inovação; as novas tecnologias de produção e transformação; os novos mercados, os fatores de competitividade; os apoios ao investimento no novo QREN; o fomento de novas culturas alternativas; o aproveitamento das potencialidades dos velhos e novos regadios (Alqueva); o incremento e diversificação das exportações, etc. - serão os temas centrais deste fórum; privilegiando-se também a troca de experiências, num setor estratégico, que deve afirmar-se cada vez mais, como um importante motor para a transformação e crescimento de uma agricultura, com vocação cada vez mais exportadora e com capacidade para gerar maior valor acrescentado.

Na 2ª Circular que distribuimos no início do mês e que poderá consultar com mais detalhe no nosso sítio em www.scap.pt encontrará o Programa geral deste evento, que aborda de forma aprofundada e inovadora todas estas temáticas, contando com a participação de um leque de oradores de reconhecido mérito, e elevada experiência profissional e académica - o que garante a realização de debates muito esclarecedores, vivos e participados.

Nesse sentido e atendendo ao baixo custo da inscrição, bem como às condições especiais que disponibilizamos para grupos pertencentes a empresas e instituições, esperamos contar com a participação e a mobilização de todos os interessados nesta área, e que procedam também à sua divulgação, através das redes de contactos pessoais e institucionais e outras plataformas.

Agradecemos também o apoio que já recebemos de algumas empresas e apelamos a que outras venham a seguir este caminho, patrocinando também este evento que necessita de novas adesões para garantir a sua viabilização.

Secretariado

Rua da Junqueira, 299

1300-338 Lisboa

Tel./Fax: 213 633 719

Tlm : 936 378 549/50

[e-mail: secretariado@scap.pt](mailto:secretariado@scap.pt)

www.sacap.pt

PREÇO DA INSCRIÇÃO:

	Até 20 de Outubro	Após 20 de Outubro
Sócios APH/SCAP	50,00 €	60,00 €
Não Sócios	70,00 €	80,00 €
Estudantes	35,00 €	45,00 €

Condições especiais para estudantes e grupos com mais de 5 elementos



1º Simpósio SCAP & 7º Congresso da SPF - “Novos Desafios na Proteção das Plantas”, Auditório INIAV - Oeiras

Helena Oliveira - ISA, *Presidente da SPF*

Ana Paula Ramos, *Vogal da Direção da SCAP*

A Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal e a Sociedade Portuguesa de Fitopatologia organizam conjuntamente o 1º Simpósio SCAP & 7º Congresso da SPF intitulado “Novos Desafios na Proteção das Plantas” que se realiza nos dias 20 e 21 de novembro, no Auditório do INIAV em Oeiras.

A Agricultura e a Floresta enfrentam grandes desafios. Se, por um lado, é necessário produzir mais e melhor, por outro, produtores agrícolas e florestais deparam-se com crescentes limitações devido a alterações climáticas, maior escassez de recursos e legislação mais restritiva, de que é exemplo a lei nº 26/2013, de 14 de abril, resultante da transposição da Diretiva nº 2009/128/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, que estabelece um quadro de ação a nível comunitário para uma utilização sustentável dos pesticidas.

Perante esta situação é fundamental promover a aplicação dos novos conhecimentos na área da Proteção das Plantas, contribuindo para aumentar o uso eficiente dos recursos e melhorar as tomadas de decisão na luta contra os inimigos das plantas.

Neste contexto, o **1º Simpósio SCAP & 7º Congresso da SPF - NOVOS DESAFIOS NA PROTEÇÃO DAS PLANTAS** pretende impulsionar o intercâmbio de conhecimentos entre investigadores, técnicos e produtores com interesse na proteção das plantas, e incentivar a discussão em torno da implementação de práticas sustentáveis de prevenção, monitorização e controlo dos inimigos das plantas em ecossistemas agrícolas, florestais e em ambiente urbano.

Este evento tem como grande objetivo a divulgação e transferência de conhecimentos e tecnologias na área da proteção das plantas, onde investigadores, técnicos, produtores e outros profissionais do setor encontrarão uma excelente oportunidade para apresentar os seus trabalhos, debater ideias e ficar a par dos principais constrangimentos que afetam a sua atividade mas também das oportunidades que se abrem para a prática da proteção das plantas face ao novo enquadramento legislativo.

O programa incluirá sessões com comunicações orais e por painel, inseridas nas seguintes áreas temáticas: Pragas, Doenças e Infestantes Emergentes; Deteção, Diagnóstico e Monitorização de Inimigos das Culturas; Interações Agente Patogénico-Hospedeiro; Uso Sustentável de Pesticidas e Proteção de Ecossistemas; Novas Estratégias de Proteção contra Pragas, Doenças e Infestantes. Estão ainda previstas mesas-redondas onde se procurará promover o debate sobre o impacto das novas políticas ambientais junto dos produtores confrontados com maiores exigências para rentabilizar e proteger as suas culturas, e sobre o ensino e a oferta formativa na área da Proteção das Plantas no nosso país.

O 1º Simpósio SCAP & 7º Congresso da SPF conta com o apoio de diversas entidades públicas e privadas ligadas ao setor Agrícola e Florestal e com a colaboração da ANIPLA – Associação Nacional da Indústria para a Proteção das Plantas, para além do patrocínio de empresas do setor.

PREÇO DA INSCRIÇÃO:

	Até 30 de Outubro	Após 1 de Novembro
Sócios SCAP/SPF	100,00 €	120,00 €
Colaboradores de Empresas Associadas da ANIPLA	100,00 €	120,00 €
Outros	120,00 €	140,00 €
Estudantes (1º, 2º e 3º anos)	50,00 €	60,00 €
Adesão à SCAP (quota 2º semestre de 2014)	20,00 €	20,00 €
Adesão à SPF (quota de 2014)	20,00 €	20,00 €

Secretariado

Tel./Fax: 213 633 719; Tlm: 936 378 549/50

e-mailosecretariado@scap.pt

<http://simposio.scap.pt/>

Próxima Conferência da SCAP

- Conferência - A Agricultura de Precisão, dia 2 de outubro, pelas 17:30h, Sede da SCAP, Lisboa
Oradores: Prof. José Rafael Marques da Silva e 2 Colaboradores - DER/U. Évora/ICAAM

Divulgaremos a circular desta iniciativa durante a próxima semana.

Eventos em Preparação/Lançamento para 2014/2015

- Simpósio Nacional de Resíduos e Efluentes da Atividade Agropecuária e Agroindustrial, maio de 2015 em Leiria
Comissão Organizadora: J. Quelhas dos Santos, Manuel Chaveiro Soares, Manuel Augusto Soares, Associações Profissionais e outros
- Congresso Nacional do Castanheiro, a realizar em meados de julho de 2015, na UTAD, Vila Real, em parceria com a UTAD e REFCAST
- Simpósio Vitivinícola da Região de Lisboa, a realizar em finais de novembro de 2015, na Região de Lisboa

Esperamos poder divulgar a 1.^a circular do Simpósio de Resíduos e Efluentes, em novembro, e dar informação mais completa sobre o Congresso do Castanheiro e do Simpósio Vitivinícola na mesma altura.

Novos sócios da SCAP

De janeiro a agosto do corrente ano, inscreveram-se na SCAP, 14 novos sócios individuais e 1 sócio coletivo. No mesmo período perdemos 6, sobretudo por falecimento. Apesar do saldo fisiológico ser positivo, estamos perante uma situação de envelhecimento geral da massa associativa, atendendo a que cerca de 60% têm mais de 65 anos.

Perante esta situação muito preocupante para o futuro da nossa Sociedade é importante recrutar novos sócios e com idades mais jovens, para invertermos esta situação, embora a crise que afeta o país, nomeadamente a falta de apoio e de condições de emprego para os jovens licenciados e doutorados seja um grande obstáculo para atingirmos os nossos objetivos.

Neste sentido temos todos que nos empenhar - porque este problema não é só da Direção - para conseguirmos sensibilizar as gerações mais jovens das universidades, do estado e das empresas a tornarem-se nossos sócios, atendendo que agora estamos a desenvolver atividades de natureza técnico-científicas mais apelativas e que podem e devem constituir um estímulo, para atrair as camadas mais jovens.

Assim, para além da mobilização individual, que cada um deve fazer, a Direção da SCAP vai iniciar até ao fim do ano uma nova campanha com descontos e outros incentivos direcionados para os mais jovens de que daremos conta no próximo número.

- 1755 Maria Teresa de Oliveira Rebelo – Angola
- 1756 Pedro Rodrigues – IPV, Viseu
- 1757 Maribela Fátima Pestana Correia – U. Algarve, Faro
- 1758 Márcia Maria Paes Santos - Brasil
- 1759 Nei Peixoto - Brasil
- 1760 Flávia Manuela Ramos Alfarroba – DGAV, Lisboa
- 1761 Mariana da Silva Gomes Mota – ISA, Lisboa
- 1762 Manuel Ângelo Rosa Rodrigues – IPB, Bragança
- 1763 Denise Maria Azevedo Ursulino - Brasil
- 1764 Anderson Cristian Bergamin – Brasil
- 1765 Amélia Maria Pereira Lopes - INIAV, Oeiras
- 1766 Dinéia Tessaro – Brasil
- 1767 Raquel Dias Sobral Mano – INIAV, Oeiras
- 1768 Ana Carla Madeira – ISA, Lisboa
- 5011 Universidade Católica de Angola - Angola

Nota: Registamos com muito agrado o número significativo de adesões que nos estão a chegar do Brasil, resultantes do prestígio e projeção que a nossa Sociedade está a alcançar neste grande país.

Homenagem ao Professor Catedrático Arnaldo Dias da Silva

Fernando Bianchi de Aguiar - UTAD

Divanildo Outor Monteiro - UTAD

A Associação Portuguesa de Engenharia Zootécnica (APEZ) promoveu no dia 10 de Maio de 2014 uma homenagem ao Professor Doutor Arnaldo Dias-da-Silva, Professor Catedrático Emérito do Departamento de Zootecnia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. A cerimónia foi muito concorrida, preenchendo por completo a Aula Magna da Universidade, tendo-se seguido um jantar numa unidade hoteleira de Vila Real.

Numa brochura editada pela APEZ, a sua direcção, em poucas linhas, definia quem era Arnaldo Dias-da-Silva e as motivações para esta homenagem:

“... Embora não sendo zootécnico de formação base, o Professor Arnaldo Dias-do-Silva é um verdadeiro zootécnico de coração e alma. A zootecnia vive-se, experiencia-se- O gosto pela zootecnia transmite-se pela acção de personalidades que respiram a sua essência, que transparecem a sua existência. O Professor é uma dessas personalidades. Basta uma leitura breve do seu percurso para perceber isso. Ao longo do seu trajecto de vida, pessoal e profissional, o Professor contribuiu para a disseminação do conhecimento da zootecnia no geral e da nutrição animal em particular.

Esteve na formação do então Instituto Politécnico de Via Real (IPVR) e na criação do curso de Engenharia Zootécnica na UTAD, bem como nas alterações curriculares que o curso foi tendo ao longo dos tempos. Foi, desde sempre, um grande defensor da manutenção do perfil e da designação de “Engenharia” para o curso.

Foi, e é, mentor técnico e científico de muitos engenheiros zootécnicos que hoje trabalham em Portugal e além-fronteiras. Continua a ser um dos grandes impulsionadores da investigação científica na área da nutrição animal.

A sua colaboração com o APEZ no sentido de zelar pela manutenção e importância da profissão de Engenheiro Zootécnico e da disseminação da Engenharia Zootécnica, é imprescindível. Dotado de uma personalidade particular e de um discurso assertivo e mordaz foi das suas várias intervenções, por vezes acesas, que resultaram grandes contributos para a ação da APEZ enquanto associação profissional e no seu trabalho na organização de grandes eventos como os Congressos de Zootecnia.”

Este texto de abertura termina com um testemunho de grande admiração e de muita estima da Direcção da APEZ, e é seguida de uma longa série de testemunhos pessoais que constituem essa publicação.

São ao todo 32 testemunhos de colegas, antigos alunos, colaboradores e amigos que realçam as excepcionais qualidades humanas do homenageado – patentes nas fortes relações de amizade estabelecidas com todos eles - e a sua excelência como professor e investigador. Outro denominador comum dos testemunhos é a marca que deixou, determinante para as opções das suas carreiras e para os valores que nortearam o seu desempenho profissional.



Quatro convidados apresentaram o seu testemunho, de viva voz, os Professores Chaveiro Soares e Fernando Bianchi de Aguiar seguindo-se os antigos alunos, hoje também professores, Emídio Gomes (Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte) e António Fontainhas Fernandes (atual Reitor da UTAD). Todas as intervenções, cada uma no seu estilo, destacaram o amigo e o Mestre de exceção, o seu elevado sentido de ética e a sua, desde sempre, visão empresarial que soube tão bem transmitir aos seus discípulos.

A cerimónia de homenagem terminou com uma “resposta” do homenageado em que lembrou, com simpatia e amizade, os colegas e amigos que se cruzaram na sua vida profissional.



A Origem e a Evolução dos Laboratórios de Análise de Terras e Plantas

Joaquim Quelhas dos Santos – ISA/SCAP

Introdução – Nota da Redação

Tal como tínhamos referido no nosso último Boletim, o Prof. Quelhas dos Santos foi homenageado, no dia 13 de dezembro último, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), tendo sido atribuído o seu nome ao novo Laboratório de Solos e Plantas daquele Estabelecimento de ensino.

*Dado que a Sessão foi integrada num Fórum subordinado ao tema «A Investigação Agroalimentar. Que Futuro?», que nesse dia ali estava a decorrer, o Prof. Quelhas dos Santos foi convidado a apresentar, no âmbito daquele Fórum, uma comunicação intitulada «**Os laboratórios de solos e plantas, e as atividades de I&D no domínio agroalimentar**»*

Pelo interesse que consideramos apresentar, transcrevemos do texto daquela comunicação a parte que se refere ao apontamento histórico sobre a origem e a evolução dos laboratórios ao longo dos anos, bem como a situação que atualmente se verifica no país.

«Como creio ser do conhecimento de todos, a causa próxima da minha presença está associada à inauguração das novas instalações do Laboratório de Solos e Plantas da UTAD, ao qual, muito generosamente, quiseram atribuir o meu nome.

Por isso, e atendendo a que, em meu entender, para perspetivar o futuro pode ser muito útil conhecer o passado, começarei por apresentar um breve comentário sobre os factos mais salientes do modo como, ao longo dos tempos, terá evoluído o problema dos laboratórios, em particular dos que, pela sua inserção e principal finalidade, são mais afins daquele cujas novas instalações acabámos de inaugurar.

E começo com uma pergunta: quando e onde é que terão começado a usar-se os laboratórios? Tanto quanto possamos contar com a validade das informações, poderíamos dizer que começaram quando começou a Alquimia. Acontece entretanto que, durante muitos anos, as infra estruturas usadas pelos alquimistas teriam muito mais a ver com *oratórios* do que com *laboratórios*. Efetivamente, a sua intensa procura para atingir os dois principais objetivos que, no fundo, se resumiam à obtenção da *pedra filosofal* e do *elixir de longa vida*, não parece que tivessem muito a ver com a realização de experiências, até porque, sendo também filósofos, acreditariam que o saber deveria ser adquirido muito mais através da abstração do que da experimentação.

No entanto, esta atitude terá começado a ser posta em causa quando, no fim do séc. VIII/princípio do séc. IX, um alquimista, Geber (nome atribuído pelos ocidentais), afirmou que «o fundamental na química é a experimentação, e que nunca ninguém conseguirá dominar a química se não experimentar». Terá sido através da materialização deste pensamento que ele viria a passar à história como responsável pela descoberta do fabrico dos ácidos sulfúrico, nítrico e clorídrico. De notar que, no caso concreto de análises envolvendo plantas, o contributo foi praticamente nulo, para tal tendo contribuído o facto de ele continuar a ser um defensor da *teoria do húmus* e do *princípio da força vital*, os quais, ao atribuírem um poder sobrenatural aos compostos orgânicos, impediam a experimentação nesta área. Uma tal convicção viria ainda a perdurar durante vários séculos, só sendo destruída quando Wohler (químico alemão), em 1828, sintetizou uma substância orgânica, a ureia, a partir de substâncias minerais (destruindo, deste modo, o princípio da força vital); e alguns anos mais tarde, cerca de 1840, um outro químico alemão, Liebig, descobriu o princípio na nutrição mineral das plantas, destruindo a teoria do húmus.

A propósito de Liebig, que ficou célebre na história da nutrição das plantas, e para o fim em que situei esta exposição, lembrarei, porque estamos num estabelecimento de ensino, que ele terá fundado na Alemanha, mais concretamente em Giessen (Estado de Hesse, no Centro da Alemanha, próximo de Frankfurt), o primeiro laboratório do mundo associado ao ensino.

Não me parece indispensável, para o fim em vista, fazer referência a outros laboratórios que, com a mesma finalidade, terão entretanto sido instalados, mas creio ser importante citar o facto de, em Portugal, o primeiro laboratório associado ao ensino agrícola terá sido instalado cerca de 1855 pelo Prof. Ferreira Lapa, quando foi encarregado da regência da disciplina «Noções de Física, Química e Meteorologia Aplicadas à Agricultura e Medicina Veterinária», incluída no plano de estudos do então recém-criado (1852) Instituto Agrícola de Lisboa, instalado em Lisboa no palácio da Cruz do Taboado, local onde até há poucos anos funcionou a Faculdade de Medicina Veterinária.

Embora o Prof. Ferreira Lapa, também por essa mesma altura, tenha sido o responsável pela introdução dos adubos minerais em Portugal, não terá tido influência no início da prática da análise das terras como meio de permitir uma mais correta utilização daqueles fertilizantes. Ressalva-se o facto de, numa altura em que ainda havia muita discussão sobre a validade da teoria de Liebig, Ferreira Lapa ter sido forte apoiante desta teoria. Em relação às análises que terão sido efetuadas naquele primeiro laboratório, não encontrei referência a análises de terras.

Tudo leva a crer que, só alguns anos mais tarde, quando o Prof. Rebelo da Silva, em 1889, foi encarregado da regência da disciplina de Química Agrícola, então já incluída no plano de estudos do ainda chamado Instituto Superior de Agronomia e Veterinária, as análises de terras destinadas a apoiar o uso dos fertilizantes começaram a ser executadas. De notar que, para isso, teve um contributo decisivo a solicitação de grandes agricultores alentejanos, nomeadamente Miguel Fernandes com o qual Rebelo da Silva viria a estabelecer um proveitosa parceria: o primeiro efetuava ensaios de campo com a cultura do trigo, e o segundo realizava a análise das terras, mediante o resultado das quais elaborava o seu parecer sobre os adubos a usar.

Não creio ser necessário recordar toda a evolução que, em termos de instalação e modernização de laboratórios destinados principalmente ao apoio da correta utilização dos fertilizantes se viria a verificar em todos os estabelecimentos de ensino, nomeadamente no ISA e na Instituição em que nos encontramos. Saliento, naturalmente, o facto de, a partir de uma certa altura, as análises que até então se destinavam quase exclusivamente a apoiar tomadas de decisão quanto ao uso dos fertilizantes em termos de resposta físico/económica por parte das culturas, começaram também a implementar-se estruturas necessárias para a caracterização e mesmo eventual resolução dos problemas relacionados não só com os fertilizantes tradicionais mas também com outros que foram surgindo em consequência do aumento da pecuária sem terra, da maior exigência em termos de saneamento básico dos aglomerados populacionais, das indústrias pecuárias, agrícolas e florestais, etc.

Em relação ao ensino, creio que hoje, tanto quanto sei, praticamente todas as Instituições de Ensino Superior Agrícola, isto é, Universidades e Escolas Superiores Agrárias, têm laboratórios onde se efetua aquele tipo de análises.

Fora do ensino, consideramos justo salientar o facto de uma Empresa adubeira, a CUF, ter criado, em 1959, um laboratório vocacionado para a análise de terras, o qual viria a ter um papel de particular relevo no que respeita à mais correta utilização dos adubos e dos corretivos minerais (as outras empresas adubeiras, nomeadamente o Amoníaco Português (AP) e a SAPEC, que também viriam a desempenhar um papel importante no âmbito da análise de terras enviadas pelos agricultores, recorreram sempre aos laboratórios do ISA). O laboratório da CUF (mais tarde incluída na Quimigal) cessou as suas atividades quando esta última Empresa foi extinta. E a única descendente (hoje já bastante afastada da antiga Quimigal), a Empresa «ADP fertilizantes»,

embora continuando a prestar assistência técnica aos agricultores, não tem, para tal finalidade, laboratório próprio, recorrendo, sobretudo, ao laboratório da UTAD.

Ainda em termos de laboratórios privados, e tanto quanto pude saber, existem hoje, no Norte do país, o Laboratório de Solos e Fertilidade de uma união de cooperativas agrícolas, a UCANORTE XXI, situado na Maia, e o Laboratório A2 Análises Químicas, em Guimarães.

No Ministério da Agricultura também existem, no continente, o laboratório de Química Agrícola Ambiental da Direção Regional de Agricultura e Pescas da Região Norte, situado no Porto, o Laboratório da Direção Regional de Agricultura e Pescas do Algarve, situado em Tavira (o qual creio que foi, ou está em vias de ser, extinto), o laboratório da antiga Estação Agronómica Nacional (Oeiras) e o Laboratório Químico Agrícola L. A. Rebelo da Silva (LQARS) na Tapada da Ajuda, em Lisboa. Estes dois últimos, tanto quanto me informaram, estão presentemente num processo de fusão.

Permito-me fazer uma referência especial ao LQARS. Trata-se de um laboratório cuja origem remonta à antiga Estação Químico-Agrícola de Lisboa e Santarém, criada em 1886, a qual em 1936 viria a dar lugar à Estação Agrária Central, da qual seria individualizado o então chamado Laboratório Químico Central, que funcionava numa das salas do Mosteiro dos Jerónimos, e ao qual, em 1948, foi atribuída a designação de Laboratório Químico-Agrícola Rebelo da Silva (LQARS) em homenagem ao já referido Prof Rebelo da Silva. Em 1951 foi transferido de uma das salas do Mosteiro dos Jerónimos para edifício próprio (construído de raiz para esse fim) na Tapada da Ajuda.

Este laboratório, sobretudo a partir de cerca de 1980, viria a dar um decisivo contributo para a mais racional utilização dos adubos e dos corretivos com base na análise de terras e folhas, e ensaios em vaso e de campo com diversas culturas e solos. A ele se deve, ainda, o início da informatização do serviço de consulta com base nos dados analíticos e a apresentação, em 2000, de um Manual de Fertilização das Culturas.

Ainda a propósito do LQARS, e pensando no nome que em 1948 lhe foi dado, não queria deixar de aproveitar a oportunidade para, mais uma vez, recordar o Prof. Rebelo da Silva, que foi um dos meus antecessores na docência das então chamadas disciplinas de Química Geral e Análise Agrícola e de Química Agrícola, aquele que, embora nem sequer o tenha conhecido (aposentou-se, em 1929, 1 ano antes de eu nascer!), teve uma carreira profissional, com a qual, certamente por um feliz acaso, a minha mais se viria a identificar em termos de: i) ensino das disciplinas atrás referidas (no seu tempo ainda não existia a Fitofarmácia, que eu também lecionei durante 3 anos); ii) ligação a empresas adubeiras (não deixa de ser curioso o facto de a enumeração das tarefas que lhe foram atribuídas quando, em 1904, entrou para o então existente Chilian Nitrate Committee, terem sido as mesmas que, em 1958, me haviam de ser apresentadas quando eu entrei para uma empresa Adubeira, o AP); iii) de contactos profissionais com técnicos e agricultores, elaboração de publicações, etc. Viria a aperceber-me destes factos sobretudo em 1984, a quando das comemorações do Centenário da inauguração do Pavilhão de Exposições da Tapada da Ajuda, onde apresentei sobre ele uma comunicação que intitulei «L. A. Rebelo da Siva: o Professor e o Extensionista». Apercebi-me então melhor da intensidade e longevidade das múltiplas tarefas de que Rebelo da Siva se encarregou, facto que terá levado o Prof. Ferreira Lapa a escrever «não se pode negar que este professor se multiplica para que o tempo lhe cresça e o sol lhe pare na proporção dos trabalhos, o que seria outra vez o milagre bíblico se não fora o resultado natural da consagração e zelo que impulsionam este professor entusiasta e laborioso»

.....

«Hoje, com a minha maior experiência própria e a idade mais avançada, eu permitia-me justificar os êxitos de Rebelo da Silva duma forma mais simples do que a usada por Ferreira Lapa: Rebelo da Siva trabalhou muito e durante muito tempo porque ele *gostaria muito do que fazia*, e teria tido a *ambição* e a *humildade* suficientes para o incentivarem a ir sempre mais além.

Porque assim penso, eu deixaria a todos, mas particularmente aos mais jovens, um pedido: *apaixonem-se pelo que fazem, sejam eticamente ambiciosos e tenham em relação à ciência uma atitude de humildade*».

Se assim for, poderão estar a contribuir para justificar uma frase que eu considero lapidar: «*a ambição, a dúvida e a humildade constituirão, sempre, a alavanca do progresso da humanidade*».

Nota:

Por informações que, posteriormente, nos foram cedidas pelo autor, dos laboratórios anteriormente referidos, e pelo menos no que se refere ao apoio do uso dos fertilizantes pelos agricultores, hoje só existem dois: O Laboratório L.A. Rebelo da Siva, na Tapada da Ajuda (Lisboa) e o Laboratório Joaquim Quelhas dos Santos, na UTAD (Vila Real).

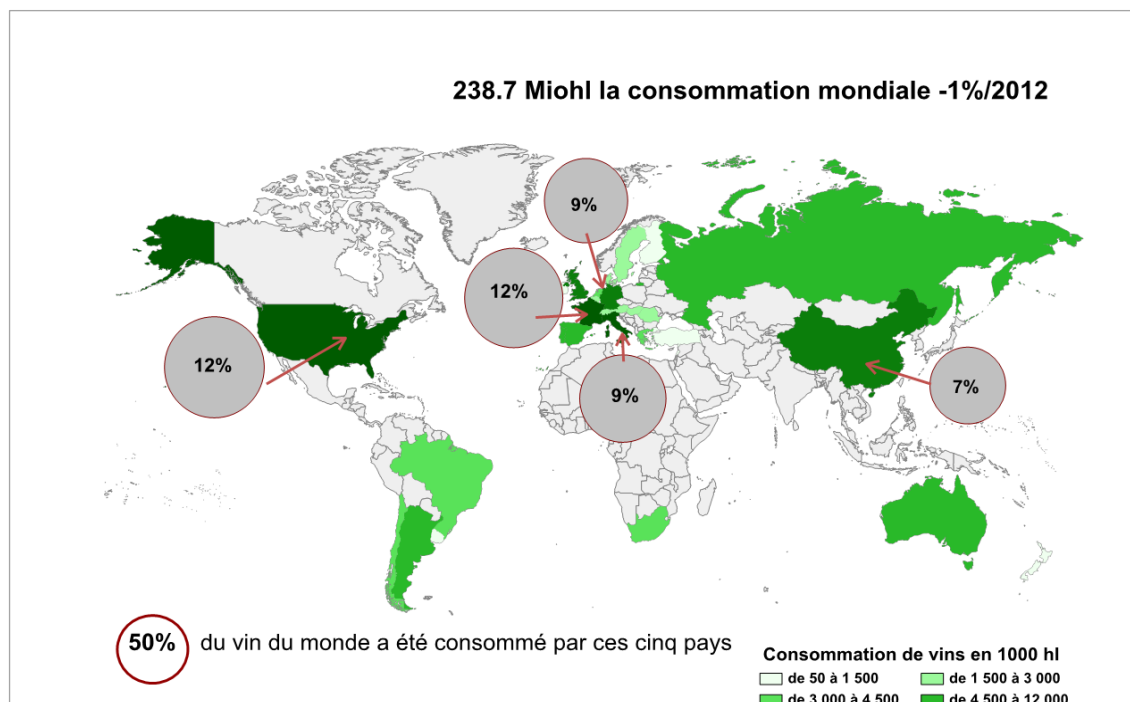
O Mercado do Vinho: evolução e tendências¹

Fernando Bianchi de Aguiar, Presidente Honorário da OIV

Fatos mais marcantes:

- Com 278,6 Mhl² (excluindo os sumos e mostos), a produção mundial de vinho em 2013 aumenta quase 24 Mhl em relação a 2012,
- Este nível de produção e a ligeira redução no consumo global para 238,7 Mhl, melhora o equilíbrio do mercado entre a oferta e a procura,
- Os Estados Unidos com 29,1 Mhl dos vinhos consumidos tornar o maior mercado interno de vinho,
- As exportações sofrem em 2013 uma redução em volume (-2.2% / 2012) consequência da baixa produção de 2012. No entanto o valor aumenta em 1,5%, atingindo os 25,7 GEuros³,
- A previsão de produção de vinho (dados parciais e provisórios nesta fase) para os países do hemisfério sul situam-se dentro de uma faixa de 49 a 53 Mhl, em baixa de 10% em relação a 2013.

Consumo mundial de vinho



O consumo mundial de vinho em 2013 situa-se em 238,7 Mhl, **uma quebra** de 2,5 Mhl em **relação a 2012**. A recuperação esperada tarda a manifestar-se.

Alguns países tradicionalmente produtores contribuíram para esse resultado:

- **França** com **menos** 2,1 Mhl (28,1 Mhl de vinho consumido),
- **Itália** com **menos** 0,8 Mhl (21,7 Mhl de vinho consumido) e
- **Espanha** com **menos** 0,2 Mhl (9,1 Mhl de vinho consumido).

Contudo o consumo:

- **Estabilizou** em **Portugal** (4,5 Mhl) e no **Reino Unido** (12,7 Mhl) e
- **Progrediu** ligeiramente na **Alemanha** (20,3 Mhl).

Em relação:

¹ Dados disponibilizados na conferência de imprensa do Diretor Geral da OIV de 15 de maio de 2014, realizada na sede

² Milhões de hectolitros (M/Mega prefixo do SI).

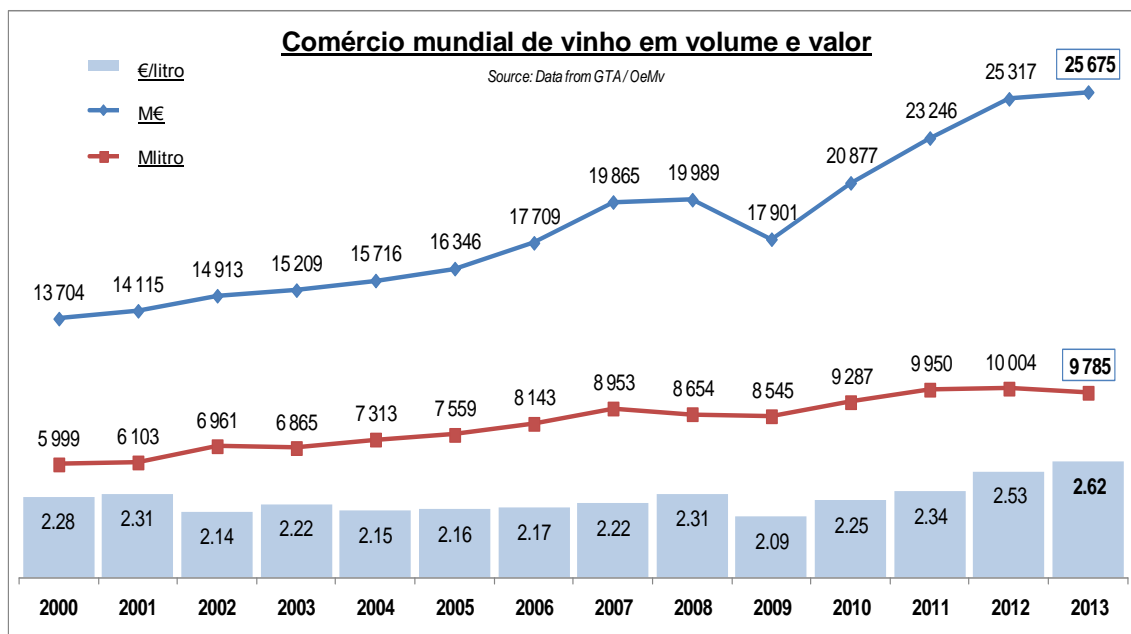
³ Mil milhões de euros (G/Giga prefixo do SI).

⁴ Milhares de toneladas (k/quilo prefixo do SI).

África do Sul Uma vindima em 2014 ligeiramente inferior à de 2013, com 1,5 Mton de uvas colhidas (-

- à **China**, o rápido **aumento do consumo dos últimos anos cessou** repentinamente com 16,8 Mhl, uma quebra de 3,8 % entre 2012 (17,5 Mhl) e 2013,
- os **Estados Unidos** apresentaram uma tendência contrária com 29,1 Mhl de vinho consumidos (excluídos os *vermut* e vinhos especiais), e **converteram-se, em 2013, no maior mercado interno mundial**, em termos de **volume** e
- os principais países da América do Sul (**Argentina, Chile e Brasil**), **África do Sul e Roménia** registaram igualmente um **aumento do consumo** interno comparativamente a 2012.

Tendências mundiais do comércio de vinho



O declínio da produção em 2012 é em parte responsável pela diminuição dos volumes exportados em 2013: - 2,2%. No entanto, o valor do mercado mundial aumentou 1,5% em 2013, atingindo 25,7 GEuros.

Os vinhos espumantes e os restantes vinhos engarrafados representam a grande maioria do comércio mundial do vinho em termos de valor: 71% para os vinhos (18,3 GEuros) e 17% para vinhos espumantes (4,3 GEuros).

A. a Austrália, a Argentina e a França diminuíram as suas exportações em valor e em volume: a Austrália sofre a mais forte queda em valor (-12%) e a Argentina a maior diminuição em volume (-13%).

B. a Espanha, a Itália, a Nova Zelândia e Portugal aumentaram suas exportações em valor, mas no entanto diminuíram em volume: a mais forte baixa é da Espanha que perde 17% em volume.

C. a África do Sul, a Alemanha, o Chile e os Estados Unidos aumentaram as suas exportações, tanto em volume como em valor: a África do Sul tem o maior aumento em valor (+ 9%) e em volume (+ 17%).

2014: Baixa de produção de vinho no hemisfério sul

Globalmente, as primeiras estimativas de produção de vinho no hemisfério sul apontam para uma redução em 2014, de aproximadamente 10 %, em relação a 2013, colheita situada entre 49 a 53 Mhl.

	2.6% /2013). Uma produção de vinho na ordem dos 11 Mhl semelhante à de 2013.
Argentina	Uma colheita de uvas em torno dos 2,5 Mton, menos do que em 2013 . Fatores climáticos adversos tais como geadas tardias, ventos quentes na floração e granizo, afetaram várias regiões vitícolas. Uma produção de vinho em queda de 20% em relação ao ano anterior.
Austrália	Uma colheita de uvas para vinho em ligeira queda , fruto de fenómenos meteorológicos adversos. A produção deve assim ter um ligeiro recuo em relação aos volumes de 2013.
Brasil	Uma vindima de 2014 próxima da obtida em 2013 . Granizo e ventos violentos atingiram as vinhas do Rio Grande do Sul no ano passado, fatores que tiveram influência na produção de vinho.
Chile	Após uma colheita histórica em 2013 com 3,42 Mton, a indústria do vinho prevê este ano uma queda de produção de uvas entre 10% e 20% por causa da geada e da seca que atingiu alguns vales. Estima-se uma colheita de uvas num nível médio da ordem das 2,7 Mton.
Nova Zelândia	A produção de uvas de 2014 deve exceder em 15% a colheita recorde de 2013 , cerca de 400 kton ⁴ de uvas. A maioria das regiões vitícolas teve condições muito favoráveis de fevereiro a abril.
Uruguai	Na vindima de 2014 colheram-se aproximadamente 92 kton de uvas, correspondendo a uma produção estável relativamente a 2013 , que tinha sido relativamente baixa. A produção de vinhos 2014 estima-se num nível de 670 khl.

Prospecção, Caracterização e Preservação de Castas de Videiras Antigas

João Costa – DRAPALG
Armindo Rosa – DRAPALG

A vinha é uma cultura com grande importância em todo o território nacional, representando a sua cultura uma área aproximada de 180.000 ha, cerca de 3% da área cultivada em todo o mundo.

No Algarve a cultura da vinha e o fabrico do vinho são atividades muito antigas conforme o comprovam testemunhos dos povos que pela região passaram. As excelentes condições edafoclimáticas para a desenvolvimento da videira não impediram que a cultura tivesse avanços e recuos, com situações mais ou menos favoráveis, ao longo dos tempos. Outras culturas mais apelativas e de maior rentabilidade para os algarvios nomeadamente os pomares de citrinos, a horticultura protegida e ao ar livre e o turismo levaram ao abandono de grandes áreas do litoral dedicadas à cultura da vinha, com a consequente perda de castas, se bem que nos últimos anos se venha notando um crescente interesse pela cultura, traduzida não só no surgimento de maior área plantada, como também pelo número de novos produtores de vinho de Quinta.



Vinha moderna - Portimão

No sentido de travar a erosão genética e perda de diversidade provocada por fatores diversos tais como filoxera, construção de barragens, obras de construção civil, turismo, foi desenvolvido um Projeto Proder denominado “Prospecção e Conservação da Variabilidade Genética de Castas do Alentejo e Algarve”, parte integrante de um Projeto de âmbito nacional, o qual pretende preservar no Pólo Experimental de Pegões mais de 8.000 clones de castas autóctones com mais de 25 anos, a prosperar de forma natural, por vezes pouco cuidada e muitas vezes em perigo de extinção, em diversas regiões do território nacional.

No Algarve uma equipa composta por diversos técnicos, onde nos incluímos, vem desde há três anos a esta parte trabalhando no Projeto em causa, procurando atingir objetivos precisos tais como:

- Prospetar, georreferenciar, descobrir coisas novas, preservar variedades mais ou menos abandonadas em vias de extinção;
- Reproduzir todo o material identificado;
- Conservar através da plantação em coleções de âmbito nacional e regional;
- Avaliar;
- Utilizar o material preservado de forma a garantir adaptação a mercados, competitividade, novas oportunidades de negócio.



Prospecção de castas antigas na serra algarvia

Até ao momento a equipa de Projeto realizou 45 inquéritos de campo nos quais obteve elementos relativos à importância da vinha e das castas ao nível das diferentes freguesias do Algarve, caracterizou 35 castas no respeitante padrões tais como tipo folha, tamanho e forma do cacho e do bago, sensibilidade a doenças, produtividade e adaptação ao mercado, georreferenciou 66 vinhas em 25 freguesias e recuperou 57 castas ou tipos varietais espalhadas por todo o Algarve, do barlavento a sotavento, do litoral à serra.



Casta Ferral georeferenciada em Cachopo/Tavira

Tais castas encontram-se hoje devidamente preservadas não só no Pólo Experimental de Pegões conjuntamente com outras castas portuguesas, como fazem parte também de uma coleção recentemente instalada no Centro de Experimentação Agrária de Tavira (CEAT) composta por 76

castas de vinho tintas, 76 castas de vinho brancas, 56 castas de mesa tintas e 36 castas de mesa brancas, coleção essa que veio substituir uma velha coleção composta por plantas enfraquecidas e virosadas, já não dando garantias e resposta aos objetivos pretendidos à altura da sua instalação.



Aramação da coleção instalada no CEAT

O término do projeto no final do ano, não impedirá certamente que até lá, e provavelmente no futuro, se dê continuidade ao trabalho até aqui desenvolvido, por forma a que os propósitos do projeto, nomeadamente o aumento da diversidade e o controlo da erosão genética caiam por terra.

Hoje a DRAPALG dispõe de uma ampla e diversificada coleção de castas, umas características fazendo parte do encepamento algarvio, outras caracterizadoras quer de outras regiões do país, quer de importantes zonas produtoras da Europa, coleção onde se poderão obter informações valiosas e que está à disposição de todos aqueles que se interessam pela atividade da vitivinicultura.

“Prospecção, recolha, conservação e caracterização de Variedades Tradicionais de Fruteiras Algarvias, com interesse para a Agricultura Portuguesa”

António Marreiros, Armindo Rosa, Artur Rodrigues, Celestino Soares, Isabel Monteiro, João Costa, José Catarino, José Entrudo, José Fernando, José Tomás, Margarida Costa, Maria Mendes e Nídia Ramos.
DRAP Algarve

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS DO PROJETO

Nos últimos anos, a perda de interesse pela utilização das variedades tradicionais, por razões diversas, conduziu ao progressivo abandono das mesmas, cujas implicações serão certamente difíceis de calcular e de quantificar. Assim, o trabalho de prospecção, recolha, preservação e caracterização dos Recursos Genéticos Vegetais, deve ser, cada vez mais uma prioridade dos nossos tempos, tendo-se tornado um princípio praticamente unânime no seio das comunidades, dos órgãos de decisão e das diferentes organizações mundiais que abordam estas questões.

Numa altura em que as preocupações ambientais são crescentes, acompanhadas por uma procura de produtos diferenciados, capazes de constituírem uma alternativa local, economicamente viável à "massificação" das produções e permitirem a exploração de "nichos de mercado", de proximidade e de maior valor acrescentado, abrem-se novas perspetivas para a preservação destes materiais e para o seu respetivo aproveitamento.

É neste contexto que tem sido efetuado algum trabalho de prospecção, recolha, conservação, bem como a caracterização de alguns materiais vegetais de fruteiras ao longo dos últimos anos, pela DRAP Algarve (citricos, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, nespereiras e vinha).

O objetivo das Coleções de Variedades, aos diferentes níveis, será para além da preservação das mesmas, o de promover a sua "nova" utilização na produção de variedades tradicionais, mais adaptados a cada região. Nesta perspetiva, apresentámos (DRAP Algarve), uma candidatura ao **Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER)**, no âmbito da Medida nº 2.2. "Valorização de modos de produção", da Ação nº 2.2.3.-"Conservação e melhoramento de recursos genéticos", Sub - ação 2.2.3.1.-"Componente vegetal", intitulada "**Prospecção, recolha, conservação e caracterização de variedades tradicionais de fruteiras algarvias, com interesse para a agricultura portuguesa - FRUTALG**", que foi aprovada em 27/10/10 e teve o seu início a 02/01/11 e irá terminar a 31/12/14.

No âmbito deste Projeto desenvolvem-se as várias ações referidas no título do Projeto, com diversas espécies frutícolas (Citricos, Alfarrobeira, Amendoeira, Figueira, Nespereira, Romãzeira e Macieira/Pero de Monchique), com os seguintes objetivos:

Objetivos Principais:

- Realizar na Região do Algarve, a prospecção, recolha, conservação, caracterização e valorização das variedades tradicionais das espécies atrás referidas, com interesse para a agricultura portuguesa, contribuindo assim, para a valorização e preservação do património genético nacional, que se encontra claramente ameaçado e em contínua e irreversível erosão.
- Contribuir para o estabelecimento de uma Rede Nacional de Coleções de Referência e de Coleções Regionais de Variedades Tradicionais de Fruteiras.

Objetivos secundários

- Valorizar o mundo rural, pelo aproveitamento e promoção das variedades tradicionais das nossas fruteiras.
- Com as variedades preservadas, melhorar o desenvolvimento de alguns setores da agricultura nacional, nomeadamente através da diversificação e valorização dos produtos tradicionais de base local e a Agricultura Biológica (que valoriza claramente a opção por estas variedades), tentando assim corresponder, à maior procura por este tipo de produtos específicos e de qualidade que se começa a fazer sentir, por parte de mercados mais diferenciados e com maior poder de compra, tanto ao nível nacional como internacional, sendo aqui muito importante a mais - valia conseguida pela transformação agro – alimentar dos mesmos.
- Contribuir com as espécies incluídas neste projeto para a elaboração de uma "Lista Nacional de Variedades Tradicionais".
- Realizar ações de divulgação e promoção de variedades tradicionais, principalmente na fase final do Projeto.
- Edição de materiais de divulgação: cartaz, folhetos, artigos e outras publicações.

Para o bom desenvolvimento deste Projeto, a sua Equipa Técnica empenhou-se no cumprimento dos objetivos previstos, continuando a divulgar o mesmo de diversas formas e em diferentes suportes e a desenvolver trabalho de prospeção/localização, colheita, multiplicação e instalação de novas variedades/acessos nas Coleções de Variedades das diferentes espécies.

A Equipa Técnica continua também a apelar à colaboração de técnicos, agricultores e restantes cidadãos do Algarve, para fazerem chegar a esta Direção Regional de Agricultura e Pescas, informação sobre a existência de plantas de variedades tradicionais das espécies em estudo e que apresentem características específicas que as valorizem, permitindo assim aumentar as Coleções existentes na DRAP Algarve.

Salienta-se mais uma vez, a forma interessada e amiga, como todos os agricultores nos receberam e cederam informação e material, sentindo que alguém chegou até junto deles com vontade de preservar e guardar aquilo que foi o seu “ganha pão”, cujos descendentes, na maioria dos casos, não valorizam.

TRABALHO DESENVOLVIDO NAS DIVERSAS AÇÕES/ESPÉCIES, INCLUÍDAS NO PROJETO ATÉ AO MOMENTO

- Localização/geo - referenciação e recolha das variedades (2011/2012);
- Preparação do solo (ripagem, lavoura, fertilização de fundo, aração do terreno) e multiplicação das variedades (2012);
- Marcação do terreno, instalação da rega e plantação das novas Coleções (2012 /2013);
- Controlo de infestantes, fertirrega, monitorização de pragas e doenças, tratamentos fitossanitários, podas de formação, etc. (2013/2014).

Algumas fotografias das atividades desenvolvidas no âmbito das Coleções de Variedades da DRAP Algarve, instaladas no Centro de Experimentação Horto - Frutícola do Patacão (CEHFP) e no Centro de Experimentação Agrária de Tavira (CEAT)

- Citrinos



Fig. 1 – Vista geral da nova parcela da Coleção, em novembro de 2013.



Fig. 2 – Pormenor de uma enxertia.

- Alfarrobeiras, figueiras e amendoeiras



Fig. 3 – Plantação da Coleção de alfarrobeiras.



Fig. 4 – Vista geral da Coleção de alfarrobeiras após plantação



Fig. 5 – Parcela antiga da Coleção de figueiras.



Fig. 6 – Parcela nova da Coleção de figueiras.



Fig. 7 e 8 – Vista geral da Coleção de amendoeiras e uma planta em pormenor

- Nespereiras, romãzeiras e macieiras (peros de Monchique)



Fig. 9 – Plantação da Coleção de nespereiras.



Fig.10 – Vista geral da Coleção de nespereiras após plantação



Fig.11 – Plantação de falhas na Coleção de romãzeiras



Fig. 12 – Aplicação de fertilizantes na Coleção de macieiras

DIVULGAÇÃO DO PROJETO

O Projeto foi divulgado das mais variadas formas (entre outras, artigos em revistas, congressos, colóquios, programas de televisão e visitas de campo), podendo em baixo observar-se algumas fotografias de algumas dessas ações, sendo de destacar a **significativa divulgação efetuada no**

terceiro e quarto ano do Projeto, a receptividade que a Comunicação Social tem tido com o mesmo e os incentivos recebidos dos agricultores.

Nota: poderá aceder a alguns destes artigos, folheto e cartaz do Projeto, na página da internet da DRAP Algarve em (www.drapalg.min-agricultura.pt), no separador “**MEDIATECA (PUBLICAÇÕES) / RECURSOS GENÉTICOS VEGETAIS** / Variedades tradicionais de fruteiras algarvias.”



Fig. 13 e 14 – Sessão de Divulgação do Projeto - apresentação em sala (CEAT)



Fig. 15 e 16 – Sessão de Divulgação do Projeto - visita às Coleções instaladas no CEAT (novembro de 2013)

SÍNTESE FINAL DO TRABALHO REALIZADO (até meados de 2014)

Em síntese, referem-se os materiais existentes/acessos (plantados), no âmbito do Projeto, das espécies em estudo, no CEAT e no CEHFP, existindo o seguinte material vegetal nas Coleções:

- a. Citrinos – 220 (entre o material já existente na Coleção e material recolhido/CEHFP);
- b. Alfarrobeira – 44 (entre o material já existente na Coleção e material recolhido/CEAT);
- c. Amendoeira – 122 (entre o material já existente na Coleção, material recolhido e o oriundo da DRAP do Norte/CEAT);
- d. Figueira – 97 (entre o material já existente na Coleção e material recolhido/CEAT);
- e. Nespereira – 19 (entre o material já existente na Coleção e material recolhido/CEAT);
- f. Pero de Monchique (Macieira) – 26 (material recolhido maioritariamente no Algarve/CEAT);
- g. Romãzeira – 56 (material recolhido maioritariamente no Algarve/CEAT).

Uma Pequena Nota Sobre a Sustentabilidade Ambiental da Produção Animal

Arnaldo dias da Silva – Prof. Emérito/UTAD

Frequentemente os consumidores admitem que os métodos modernos de produção de carne de bovino, de ovino, de caprino, de suíno, de aves ou de algumas espécies de peixe, têm maior impacto sobre o ambiente que os métodos tradicionais. Não é raro mesmo, também aqui, ouvir-se falar, com indistigável saudade dos **“bons velhos tempos de antigamente”**...

Atribuem-se, assim, aos métodos de produção ditos intensivos efeitos muito nefastos sobre o **ambiente**, a **segurança alimentar** e, portanto, sobre a **saúde humana**, muito mais que aos métodos tradicionais de produção. Vários autores (por exemplo, ver *Jude Capper* 2011) têm mostrado quão errada é esta afirmação.

Com efeito, diz-se correntemente que os métodos intensivos não respeitam algumas vezes - ou, na versão mais radical e simplista, **sempre** -, os direitos dos animais - designadamente, o direito ao seu **bem-estar** e, em última análise, à sua saúde - e ao direito a exibirem **comportamentos alimentares e sexuais normais**, isto é, próprios da vida de cada espécie livre, em natureza. Numa palavra, apelidam-se os métodos de produção animal de hoje em dia como sendo métodos verdadeiramente **insustentáveis**.

Por isso, vamos primeiro definir o que entendemos - e julgamos que deve ser por ter rigor científico - e que seja entendido por todos, **sustentabilidade**. Parece-me uma definição muito feliz aquela que podemos encontrar na *internet* em <http://www.epa.gov/Sustainability/basicinfo.htm> e que, passo a traduzir assim: **sustentabilidade** *consiste em fazer face às necessidades actuais da sociedade sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazer as suas próprias necessidades*.

Deve acrescentar-se que isto deve implicar, em relação à carne de bovino e a outros produtos animais, **responsabilidade ambiental**, **viabilidade económica** - estamos a viver em mercado há vários milénios e, por isso, ninguém pode trabalhar na sociedade actual para produzir alimentos se não receber algo **tangível** em troca...

Esta produção deve ter também plena **aceitabilidade social** das técnicas de produção. Em regra os votos levam a que os decisores políticos sejam particularmente sensíveis a primeira e à última destas consequências, ou seja, responsabilidade ambiental e aceitabilidade social.

Relativamente à **responsabilidade ambiental**, tem interesse ver o que *Jude Capper* (2011) apurou relativamente à produção de carne de bovino nos **USA** comparando o que se passou em 1977 com o que passou **30 anos depois**, isto é, os sistemas de produção prevalentes em 2007.

Capper (2011) Utilizou um modelo determinístico, perfeitamente validado pelo mundo científico. Foi baseado nas necessidades alimentares da população bovina nos USA em 1977 e em 2007, votada à produção de carne e foram quantificados todos os recursos utilizados - *inputs* - e os respectivos *outputs* observados, considerando sempre as produções de carne e, as fracções da dieta desperdiçadas sob a forma de fezes, urina e metano, ou seja, os *excreta* por **bilhão de carne de bovino produzida**.

As regras de manejo características sistemas de produção de 1977 e de 2007, não deixaram de ser devidamente consideradas bem como as dinâmicas da população bovina num caso e noutro. As características produtivas destes sistemas nas duas épocas foram igualmente tidas em conta

Após realizar esta análise **Capper** (2011), concluiu que a produção de 1 bilhão (escrito de forma matemática: 10 elevado a 12) de kg de carne de bovino em 2007 nos USA gastou muito menos recursos que em 1977, a saber: foram precisos apenas 69,9% de animais, 81,4% de alimentos, 87,9% de água e 67,0% de terra. A produção de efluentes foi também consideravelmente reduzida: em 2007 as unidades de produção de carne de bovino nos **USA**, produziram 81,9% de fezes+urina, 82,3% de metano e 88,0% de óxido nitroso, relativamente **ao mesmo bilhão de carne de bovino 30 anos antes**

Nem é de ficar surpreendido que assim tenha sido tendo em conta toda a informação científica já disponível. A **pegada de carbono** em 2007 foi também algo menor que em 1977 para produzir a mesma quantidade de carne - **foi reduzida em 16,3%**..

Perante esta constatação, que posição racional se pode tomar senão estar de acordo com a recomendação de **Jude Capper** quando diz (traduzo): *“dado que a população americana vai aumentar – e, acrescento eu, a FAO (2008) prevê que aumente bastante mais e nalguns países, que nos USA - será crucial prosseguir na investigação que visa conseguir melhorar a eficiência da utilização dos recursos) na produção de carne como aconteceu nos últimos 30 anos. Só assim se pode satisfazer as aspirações do mercado para carne de bovino segura, atrativa do ponto de vista económico, usando menos recursos e mitigando o impacto ambiental”*

Como se compreenderá então que numa publicação com apresentação excelente e certamente cara comemorativa de **“50 anos de segurança alimentar na UE”** (2007 UE) o Comissário Europeu para a Saúde (de nacionalidade grega), senhor **Markos Kyprarianou** ou alguém da sua confiança, escreva - destacando, de forma bem visível - num quadradinho com fundo encarnado, *“Did you know? Intensively reared beef production uses over 33 as much of energy as pasture production to produce the same quantity of meat. Now that’s intensive!”*

Não posso admitir que o Comissário da Saúde da **UE** afirme isto usando de má fé. Que será então? Ignorância? Infelizmente parece-me o mais provável. Mas daqui poderá não vir grande mal para a UE – bastaria que o Comissário Marcos fosse bem assessorado.

Permitam-me, no entanto, que vos recomende uma leitura muito atenta da crónica de Henrique Monteiro contida na edição em papel do **EXPRESSO** de 31.05.2014 a propósito das recentes eleições para o Parlamento Europeu *“Bárbaros regressam à Europa”*

Vila do Conde, Maio de 2014

Referências Bibliográficas

Capper J. L. (2011) – The environmental impact of beef production in the United States: 1977 compared with 2007. *J. ANIM SCI* 2011, 89; 4249-4261.

UE - EUROPEAN UNION – 2007. 50 years of food safety in European Union 1957-2007

Lançamento do Livro-Manual de Floricultura

Manuel Augusto Soares – Presidente da SCAP



Decorreu ao fim da tarde do dia 9 de setembro, na sala de Atos do Instituto Superior de Agronomia, a sessão de lançamento do livro – Manual de Floricultura, da autoria do Prof. Domingos Almeida, que desde o ano letivo 2013/2014 é professor de Horticultura deste Instituto.

Domingos Almeida agrónomo de formação, com um doutoramento na Universidade da Flórida é, um académico com grande experiência de ensino na Universidade do Porto e outras, e um investigador e consultor prestigiado, pelos

trabalhos e atividades que tem desenvolvido junto das empresas e dos empresários agrícolas.

O conhecimento em Domingos Almeida, não tem fronteiras definidas e estanques, e a sua inquietude e busca de novo saber, assente na experiência, impele-o a percorrer novos caminhos, vivenciados na interação constante com os produtores e agentes económicos em geral, na consolidação do conhecimento aplicado, que transmite e divulga, como corolário da investigação de retaguarda, que aprofunda e desenvolve com as suas equipas no âmbito de múltiplos projetos.

Com um trabalho anterior de grande fôlego - o Manual de Horticultura em dois volumes - publica agora este livro na área da Horticultura Ornamental, que estava pronto há cerca de cinco anos, preenchendo assim uma grande lacuna que existia nesta área, esperamos que a sua paixão pelo conhecimento, o leve agora a trilhar, os caminhos da Fruticultura e Pós-Colheita – áreas em que é também um reconhecido especialista e que carecem de novas publicações atualizadas, e com visão de futuro.

Nesta sessão, em que estiveram presentes algumas dezenas de participantes entre: professores, técnicos, empresários, estudantes e amigos do autor, usaram da palavra o Senhor Secretário de Estado da Alimentação e da Investigação Agroalimentar, Prof. Nuno Vieira e Brito, que fez a apresentação da obra e a anfitriã, a Presidente do ISA Prof.^a Amarilis Varennes e Mendonça e também o Diretor Geral da Editorial Presença.

Nas suas intervenções salientaram a importância deste novo manual, para a aprendizagem dos alunos do ensino superior de agronomia e das escolas profissionais, a quem prioritariamente se destina, mas também como livro de consulta, para os intervenientes nesta fileira, bem como todos os interessados nas questões da floricultura.

Domingos Almeida, para além de agradecer com manifesto reconhecimento, pelo apoio e acolhimento que recebeu, salientou que, para além do aspeto didático, este livro serviria também para motivar professores e alunos para levantar novas questões e dúvidas, que um manual genérico deve suscitar. Segundo ele, por muito especializado que se seja, ninguém é dono de todo o conhecimento e, neste pressuposto, o seu livro pode servir também como um bom auxiliar de consulta, mesmo para os especialistas.

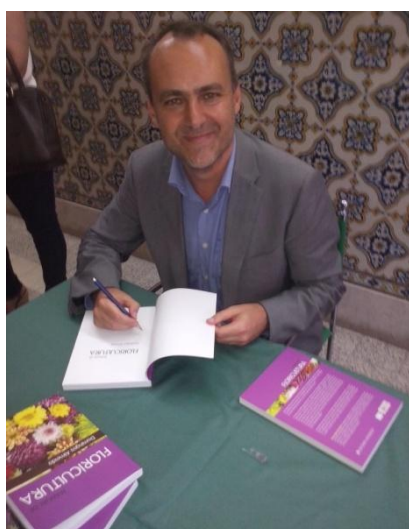
A SCAP que tem o Prof. Domingos Almeida, como revisor científico da Revista de Ciências Agrárias, quer felicitá-lo pela sua atividade brilhante, laboriosa e persistente, na divulgação do

conhecimento técnico-científico, e pelo lançamento de mais este importante trabalho em prol do progresso da floricultura nacional; que um seu antecessor o Prof. Vieira Natividade - mestre brilhante dos agrónomos portugueses - lhe dedicou ao escrever (um pequeno livro entre a sua eclética e vasta obra) que intitulou: “Homenagem a um Mundo de Beleza Eterna”. Foi pena que ninguém se tivesse lembrado de Vieira Natividade, o agrónomo mais proeminente e multifacetado, sobretudo na área da fruticultura em que fez verdadeira Escola.

A SCAP pensa começar a evocar a partir do próximo número as grandes figuras da agronomia do passado, oportunidade para lhe prestar a grande homenagem que merece.

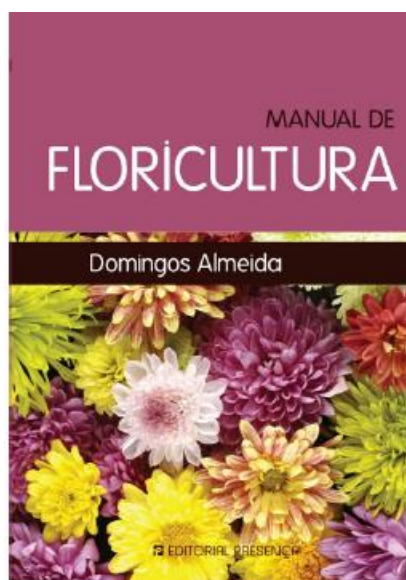
Transcrevemos seguidamente a nota de imprensa que foi divulgada, e que analisa com mais detalhe os temas principais deste livro a sua utilidade e principais destinatários:

Manual de Floricultura



O Manual de Floricultura é um livro sobre a tecnologia de produção e as condições de utilização das principais flores e folhagens de corte que vem responder à necessidade de reunir informação técnica relevante num único volume de fácil consulta.

Com 21 capítulos dedicados às principais flores e folhagens de corte, é um livro útil a todos os que se interessam pela produção e utilização de flores. Os profissionais das cadeias de valor florícolas – produtores, consultores, fornecedores de fatores de produção, distribuidores de flores e floristas -, encontram aqui uma obra de consulta sobre as culturas com que trabalham e uma introdução aos temas com que lidam menos frequentemente. Através deste manual, os estudantes de floricultura do ensino superior e dos cursos de formação profissional têm ao seu dispor os fundamentos da produção das principais culturas florícolas. E todos aqueles que gostam de flores podem ficar a conhecê-las melhor.



Numa altura em que cada vez mais jovens agricultores investem na floricultura, uma atividade agrícola de alto valor acrescentado, de elevada sofisticação tecnológica e exigente em conhecimento técnico, esta obra vem ajudar os atuais e futuros agentes da cadeia de valor a cumprir a missão de fazer chegar a beleza das flores ao maior número de pessoas.

Autor: Domingos Almeida
Editora: Editorial Presença
Ano de edição: 2014
Número de páginas: 266
Idioma: Português

Patrocinadores



A P D E A
ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ECONOMIA
AGRÁRIA



syngenta®